

# A BATALHA

Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento sa-  
manal, Lisboa, mês 9500; Província, 3 me-  
ses 28500; Africa Portuguesa, 6 meses  
70500; Estrangeiro, 6 meses 110500.

## CONTRA A BURLA DAS "SÉRIES"

### UMA CAMPANHA QUE TRIUNFA

A campanha de *A Batalha* contra a burla das senhas tem encontrado, como os nossos leitores sabem, grande repercussão na opinião pública. A pesar de muitos ingênuos ainda caírem no lógo ou que não há dúvida é que as criaturas que neste país detêm o poder começam a preocupar-se com o caso.

A restante imprensa vai também concordando connosco e deve principiar a arrepender-se de ter consentido durante tanto tempo que alguns espertalhões fizessem fortuna à custa dos papalvos.

Tudo indica que o maná que tem chovido nas mãos ávidas desses negociantes burlões cesse dentro de poucos dias. De nada lhes serviu a generosidade e a filantropia, oferecendo percentagens à Assistência Pública e ao fundo de caridade do governo civil. Estes, sabendo tratar-se de uma vigiarie, recusaram as ofertas para não emprestarem aos burlões uma simpatia que eles não merecem.

O director da Polícia de Investigação chamou hoje ao seu gabinete os emissores das senhas a fim de tomar providências acerca do escandaloso negócio, tendo proibido a venda das senhas.

*A Batalha* combateu a imoralidade, mas não pediu a intervenção da polícia, porque tal pedido não está em harmonia com os seus princípios. Se regista a proibição é para pôr em destaque o valor e a força da nossa campanha. Estimáramos e esse era apenas o intuito dos nossos artigos, que os comerciantes não pudessem fazer negócios por falta de clientes tolos. Apenas com esse intuito esclareceu *A Batalha* a opinião pública.

A proibição, que não combatemos porque não desejamos favorecer os burlões, foi tardia e inábil. A esta hora já muitos dos burlões guardaram cuidadosamente o produto da vigiarie e sorriram da proibição. Eles não continuam o rendoso negócio, mas desobrigados

pela medida repressiva de pagarem os prémios que prometeram, vão gosar tranquilamente os contos de reis que já ganharam, atirando para as costas da Polícia de Investigação as culpas que lhes cabem pela falta de cumprimento das suas miraculosas promessas.

Se os burlões tivessem de restituir a cada possuidor de senhas as quantias que habilidosamente subtraíram, então sim, já a proibição não resultaria ainda num negócio que veio até salvar alguns burlões da situação aflitiva em que se encontravam de terem de pagar os fabulosos prémios que tinham prometido.

A propósito da nossa campanha houve quem pretendesse levantar contra *A Batalha* uma revoltante calúnia: dois empregados de uma dessas cavernas, a «Senha de Ouro», propalaram que um redactor de *A Batalha* fora pedir àquela casa a quantia de cinco contos para fazer cessar a campanha contra a intrusão das séries recuperáveis. O nosso director, conhecedor do boato, dirigiu-se imediatamente ao dono da referida casa e na sua presença intimou os aludidos empregados a confirmarem ou a desmentirem a atoarda. Meteram os pés pelas mãos, compromettidos perante o espanto do patrão que de nada sabia.

Não ligamos grande importância a estas calúnias, mas, entretanto, sempre as vamos registando aqui em lugar de destaque para os repelirmos com energia. *A Batalha* não se vende... senão a três tostões cada exemplar. As suas campanhas são ditadas pela sua consciência. Levamos o nosso escrupulo até ao ponto de nem sequer aceitarmos os vulgares anúncios que esses cavalheiros têm querido publicar nas nossas colunas.

Se os vigaristas tiverem de restituir as quantias que receberam, o que é absolutamente justo, será o ideal—embora recomendando aos vigarizados que não tornem a meter-se noutra.

## Notas & Comentários

### Um senhorio

Há tempos, no prédio n.º 17 da travessa dos Inglesinhos, rebentou um cano de água, e que prejudicou todos os inquilinos. Alguns destes fizeram sentir ao senhorio José Maria Gonçalves—não confundir com José Maria Gonçalves operário da Imprensa Nacional e nosso camarada—uma necessidade que tinham de água e, portanto, de que o cano se reparasse. O senhorio prometeu mandar fazer a reparação reclamada mas não se mexeu. Há dias como novamente insistissem pela água, o senhorio Gonçalves exigiu, a cada inquilino (quatro) a quantia de 30\$00. E muito desinteressado este senhorio...

### Proissão excomungada

Nos arredores da Covilhã é costume realizar-se uma romaria muito popular, a de Santo António. Para dar-lhe maior brilho, este ano os organizadores dos festejos quiseram meter números novos: carros de bois, carroças, automóveis e cavalheiros. E o bispo da Guarda não gostou da brincadeira, visto que proibiu a romaria, ameaçando com a excomunhão quem desobedecesse às suas ordens. Mas os organizadores não quiseram saber de tais determinações, realizaram os festejos com mais brilho do que nunca, com elementos excomungados. Até a banda de música estava fora da graça de Deus. Não sabemos, perante o Padre Eterno, quem tem razão: se o bispo, se os excomungados.

### O código e a consciência

Todos estamos concordes em afirmar que a delação é um gesto degradante. A denúncia é um crime tão grande que os códigos não têm na sua vasta matéria sanção para puni-lo. Condena-o o código da consciência humana. O dr. Berens Freire, quando aconselhou o chauffeur João Fernandes a calar o crime de que tinha conhecimento involuntário, foi humano e levou-o a praticar um acto dignificante. O crime de Augusto Gomes é repugnante—uma denúncia do criminoso seria mais repugnante ainda. Pois, o sr. Alberto Xavier, que tem jornal mas não tem sensibilidade, quasi vinha ontem reclamando a prisão do aludido advogado só porque ele foi humano, aconselhando um gesto humano.

### Como um inglês traça o perfil moral de Mussolini

LONDRES, 14.—Os recentes discursos do sr. Mussolini inspiraram ao *Daily Express* as reflexões seguintes: São palavras terríveis na boca dum despota. Para desenvolver o espírito de corporação e para manter a disciplina no pessoal da marinha de guerra, não é necessário desenvolver o espírito de guerra. O sr. Mussolini parece seguir sobre as pisadas dos Hohenzollern, sobre as de Napoleão I, sobre as de todos os soberanos ambiciosos desde os tempos mais remotos da História. E este caminho conduz à ruína da Europa.

## O número especial da 'Batalha' do 1.º de Maio

Conforme *A Batalha* já anunciou está organizando para o próximo dia 1.º de Maio, data retintamente operária, comemorada cada vez com maior relevo em todo o mundo, um número especial que decerto alcançará, pelo menos, um êxito tão grande como o do ano passado, que se esgotou completamente.

A *Batalha* do Primeiro de Maio publicará-se há com mais duas páginas litografadas de grande relevo artístico. Nas suas oito páginas publicará escolhida colaboração além do seu noticiário habitual.

As duas gravuras coloridas, que ornar a sua primeira e última páginas, são duas obras primas. Uma, primeira, apresentará uma formidável obra de arte alemã, que foi adoptada para cartaz da Associação Internacional dos Trabalhadores. Representa um trabalhador atlético, desenhado com vigor e com um colorido harmonioso, esmagando a cabeça a um dragão.

O trabalho artístico é dos mais belos que temos visto, já pela beleza da ideia, já pela técnica do desenho.

O outro desenho é da autoria do conhecido e vigoroso artista Cristiano de Carvalho, que, à imitação do ano anterior, realizará uma esplêndida obra de arte.

Como é de prever uma grande procura, a administração de *A Batalha* aceita desde já pedidos para esse número especial que será, por todos os títulos admirável.

### Amêndoa pouco saborosas

VARSÓVIA, 14.—Na véspera de Páscoa, a Tcheka russa prendeu em Moscovo o cura Lapinovicz e numerosos dos seus paroquianos. Duzentos cidadãos soviéticos ofereceram-se como penhor do sr. Lapinovicz, que foi logo posto em liberdade, mas ficando presos os paroquianos.—H.

### DISPUTA DE PESSOAS HONESTAS

LONDRES, 14.—Referindo-se à comissão que tem de estudar a constituição do conselho da Sociedade das Nações, um jornal noticiou que a Alemanha só nomeará o seu delegado quando obtenha a garantia de que as modificações preconizadas pela comissão sejam feitas após a sua admissão.—H.

### Manifestação violentamente dissolvida

PARIS, 14.—Alguns funcionários comunistas, pouco numerosos, tentaram manifestar-se na Praça da Ópera e na gare de S. Lázaro, mas a polícia dispersou-os. Até agora não se deu nenhum incidente.—(H.).

## A MORTE DE MARIA ALVES

### Como a imprensa venal tratava e trata o assassino

#### Reflexões serenas à margem de um crime

Anda por aí muita gente clamando que a atriz Maria Alves foi assassinada pelo antigo empresário Augusto Gomes. É verdade. Mas não é toda a verdade. É apenas uma parte. O que falta dizer toda a gente o oculta—por ignorância, por cobardia ou por conveniência. Mas nós vamos diz-lo com o desassombro que é nosso timbre. Quem matou Maria Alves foi, principalmente, a impunidade com que Augusto Gomes tem premeditado e praticado toda uma longa série de infâmias.

Não se esqueçam que o passado de Augusto Gomes era conhecido nos grandes jornais, o que nunca impediu estes de publicarem inúmeras vezes o retrato do antigo empresário, emoldurando-o nos mais bombásticos adjectivos. Agora, repentinamente—há alguns dias—desceu de colação. «O simpático homem de teatro», «o ilustre empresário» e outras hediondas mentiras passou a ser o execrável bandido, o asquerosíssimo assassino. Porquê? Porque a polícia, perante uma forte pressão da opinião pública, dum certa altura em diante teve de abandoná-lo à sua sorte.

E agora, os grandes jornais descobrem o que há muito tempo já sabiam: descobrem que Augusto Gomes já era há muitos anos o que este facto recente e sinistro revelou sobre a sua vesga e odiada personalidade. Um jornal houve que abertamente o defendeu e que, vencido pela evidência dos factos, passou a atacá-lo com uma violência desusada e insincera. Contra esta comédia afirmamos a nossa repulsa, tanto mais que sabemos que nesses jornais continuará a ser elogiada criaturas que valem tanto como esse Augusto Gomes que agora está a ferros.

Dissemos que Maria Alves foi principalmente assassinada pela impunidade que usufruía o antigo empresário. E repetimolo. Demonstrámo-lo. Augusto Gomes vivia de expedientes—de expedientes que lhe permitiam dispendir prodigamente dinheiro com um bando de «amigos» que à sua volta parasitava. «Diz-me com quem lidas, dir-te hei quem és». Não é, pois, de admirar que Augusto Gomes tivesse amigos na polícia; que andasse com eles em orgias, que pagasse todas as despesas e fizesse empréstimos—irrecuperáveis. E como «quem paga é amigo» Augusto Gomes, que pagava muitas vezes, tornara-se há muito um grande amigo de polícias de categoria.

Quando premeditou a morte de sua amante, Gomes de certo pensou, como o fizera noutros casos mais ou menos idênticos: «a polícia está nas minhas mãos, e, portanto, nada me acontecerá». E tranqüilo à esse respeito da premeditação passou à realização. Os jornais referem o crime e que se vê des de primeira hora? Que Gomes não se enganava: a polícia ampara-o e deixa-o dirigir, durante dias, as investigações. Inventava-se para o salvar a farça do homem de fato cor de chumbo, arquitecta-se o assalto dos grava-

#### Onde se praticou o crime

Sabe-se já que Gomes não matou Maria Alves na rua da Beneficência, mas sim no Campo Grande. Embora Augusto Gomes diga que quando a estrangulou não tinha luvas, o pobre «chauffeur» João Fernandes afirma que quando ele foi sentar-se a seu lado as levava calçadas.

Essas luvas—que não apareceram—foram abandonadas pelo criminoso, na rua João Crisostomo.

O criminoso levou para a casa da rua Luciano Cordeiro o casaco e os objectos de ouro da vítima—que atribuiu um valor de 15 contos, para fazer crer que a atriz havia sido assassinada por «graveteiros». Não é assim. Esses objectos valem muito menos. Nessa noite, o criminoso tomou chá e deitou-se, como se nada tivesse feito. Pediu à amante que escondesse o casaco. Ao outro dia a Miquelina leu nos jornais a notícia de ter aparecido, na Rua Francisco Foreiro, uma mulher assassinada, mas não lihou importância ao caso. A tarde, quando Augusto Gomes apareceu em casa, ela estranhou que ele quisesse queimar o casaco.

—Matate a Maria Alves.  
—Matei, mas não digas nada. Lembra-te que tens filhos e que eu, se te tratava mal era por causa dela.

Nessa mesma noite procedeu-se à queima do casaco de peles e da malinha da atriz. A operação foi feita no fogão da cozinha, onde há uma chaminé com boa tiragem. Como todos os quartos têm reposteiros, estes foram atastados e a porta da cozinha, que dá para uma «marquise», aberta para sair o cheiro. O casaco foi cortado em três partes. Cada um deles embebido em petróleo. As cinzas foram desleitas com água fria e atiradas à pia.

Augusto Gomes quebrou em pequenos pedaços os objectos de ouro, deitando-os depois na retrete da casa de banho. A polícia crê que ele tenha destruído assim os objectos que roubou à atriz, tanto mais que a amante confirmou a versão. Houve apenas uma pequena discrepância: Augusto Gomes afirma que o casaco foi queimado na noite do crime e a Miquelina confessa que foi na noite seguinte.

teiros. Eram os amigos que procuravam salvá-lo espalhando aos quatro ventos a história dos «apaches»—dizia-se. Mas o que é verdade é que nenhum polícia de categoria teve a coragem moral de declarar em público: «desisto das investigações, porque o homem que acusam é meu amigo». Essa declaração ninguém a fez—e contudo no governo civil não faltavam os amigos de Augusto Gomes. Um deles, chefe da polícia de investigação, sabendo que ele ia ao Porto com a intenção de matar a atriz, nem como chefe da polícia o procurou evitar, nem como amigo o tentou dissuadir!

\*\*\*

Voltemos agora a nossa atenção para o órgão das «forças vivas»—*O Século*—que considera uma vitória nacional a descoberta do autor da morte de Maria Alves. Aquel jornal mostrou-se irado contra a polícia, sabendo perfeitamente que a tem auxiliado em todos os seus desatinos e apoiado em muitos dos seus crimes. A sua atitude repugnou-nos pelo cinismo que resumou. Pois a polícia era imoral—só porque, a certa altura, não ajudou a especulação das grandes tiragens feita em torno do cadáver da mulher que apareceu, sem vida, na rua Francisco Foreiro? A polícia, porque salvava um amigo—«quem paga é amigo»—era tratada pelo *Século* em termos desabridos e violentos. Mas, quantas vezes *O Século* publicou nas suas colunas os elogios mais rasgados, as homenagens as mais exageradas, às entidades da polícia que tinham um cadastro e um passado suspeitíssimo? E o público, esse público de emoções fáceis e irreflexões deploráveis, estará, porventura, esquecido das apologias feitas por aquele jornal, apologias que constituem, no momento do crime da rua Francisco Foreiro, um libelo tremendíssimo?

*O Século* conhecia a corrupção e rendeu-lhe elogios. E quando não a homenageava—encobria-a; quando não a encobria—desculpava-a. Folhear a colecção do nosso jornal equivale a reñir contra vários elementos de todas as polícias uma série longa de depoimentos esmagadores. Folhear depois a colecção de *O Século* equivale a reñir contra aquele jornal uma série não menos longa de esmagadoras culpabilidades. Onde está, pois, a autoridade de *O Século*? Em parte nenhuma. A sua atitude resume-se à antipatia que Augusto Gomes lhe inspirou. No seu entender o matador de Maria Alves não devia ter licença para assassinar. E, de facto, conseguiu que a licença lhe fosse cassada. Mas, em compensação, entende que outras pessoas devem ter a liberdade de assassinar o próximo.

Era isto o que pretendíamos dizer nas colunas deste jornal—dos raros jornais para quem o cadáver de Maria Alves não foi um negócio rendoso. E ficáramos de mal com a nossa consciência se não o dissessemos.

#### Augusto Gomes tentou vender as jóias

Não é segredo para ninguém que Augusto Gomes exercia e exerce ainda uma grande influência sobre a filha da sua vítima. Dias depois, após o crime, Augusto Gomes, convenceu a pequena a ir com ele vender na ourivesaria Pires o colar de pérolas da mãe, a melhor jóia que ela tinha, e um afimete de ouro e pedras, presente do sr. Carlos Alves. Quando chegaram, a ourivesaria estava fechada. Claro que Augusto Gomes não desconfiava este facto. Separou-se da pequena e levou o colar para a rua Luciano Cordeiro, onde a polícia o foi descobrir. Interrogado sobre este facto, o criminoso disse que não tinha tido tempo de o restituir à filha da sua vítima, por ter sido posto incomunicável. Este detalhe, que é importantíssimo e gravíssimo, prova exuberantemente que o móbil do assassinio de Maria Alves não foi o ciúme, mas sim o roubo.

A polícia sabe também já que Gomes não podia ter entregue à atriz o famoso conto e quinhentos. O criminoso, para explicar a proveniência dessa quantia, afirmou que o Carlos Santos lhe tinha emprestado seis contos, o que não é verdade. O dr. sr. Paiva Lereño tem a nota dos dinheiros que Augusto Gomes diz terem-lhe sido emprestados. A quantia—quatrocentos escudos ou mais—que Maria Alves levava na mala, na noite do crime, utilizou-a o criminoso em seu proveito, tendo pago no dia 31, adiantando-se ao prazo estipulado por lei, a renda da casa da sua vítima. A polícia não teve tempo de saber onde estão as economias de Maria Alves, que deviam somar alguns contos de reis.

#### Um pormenor que se confirma

Foi ontem ouvida no governo civil a amante do criminoso, que, segundo a polícia, tinha conhecimento do colar de pérolas que o criminoso levou para casa, no intuito de o vender numa ourivesaria da rua da Palma.

A Miquelina confirmou o seu depoimento anterior, que se refere à destruição do casaco de peles e do conhecimento do crime. Foi ouvido, também, o Carlos Santos, que insultou fortemente o Gomes.

O sr. Castanheira, que prestou declara-

## O CONSULADO DE NORTON

### A liberdade de associação espesinhada pelo despótico capricho do leiloeiro de Angola

A Associação dos Funcionários Públicos de Angola estava legalmente constituída; assim o declarava a portaria que deu publicidade e pôs em vigor os estatutos daquele organismo burocrático, firmado pelo então Governador Geral, coronel José Alcino da Silva.

Mas se a única lei passou a ser a vontade de Norton de Matos, e se ele não concordava nem permitia o funcionamento de tais instituições nos territórios do Império submetido aos ditames do seu absolutismo, como podia considerar-se a Associação constituída ao abrigo das instituições vigentes do país e reconhecida a sua existência por um diploma colonial?

Não podia nem devia continuar a existir; impunha-se a dissolução desse meio associativo, embora protegido pela lei. E não devia funcionar porque o alto comissário não queria e a sua vontade era superior à vontade de todos e da Constituição, as leis do Governo Central caducaram na colónia, passando a ter vigência as leis sacras do capricho do Imperador.

Mas não havia motivo que justificasse a atitude agressiva e desrespeitadora de Norton de Matos, visto tratar-se apenas dum edifício onde os funcionários reuniam para tratar exclusivamente dos seus interesses e passar algumas horas de ócio, tomando o centro por academia recreativa?

Que na Associação nunca houve ataragata, escândalos, nem se forjaram atentados contra o Estado, e que enquanto funcionou nunca se tornou antipático, porque o seu fim nunca consistiu senão na apreciação de assuntos directamente ligados com os interesses da classe?

Que nunca partiu dessa agremiação qualquer acto perturbador da ordem pública, e que o jornal *A Tribuna*, que se publicava ao abrigo da Lei de Imprensa, apenas se limitava a apreciar a situação das classes trabalhadoras, levar a todos conhecimentos das resoluções tomadas nas assembleias e medidas adoptadas pela direcção, comentando factos cotidianos, fazendo transcrições?

Que o baluarte do funcionalismo nos raros artigos doutrinários da lavra da redacção ou de qualquer colaborador nunca incitou à revolta, nem as suas manifestações revolucionárias foram além dum platonismo educativo, com o louável fim de levar aos indivíduos menos cultos, ao serviço do Estado, a compreensão nítida do cumprimento integral dos seus deveres, reunindo elementos alheios e dispersos, compreendendo-os da necessidade e vantagens da preparação, manifestação da consciência e convicção da força colectiva?

Que havia jornais em Angola que vinham publicando matéria muito mais revolucionária, como *O Angolense*, *A Verdade* e principalmente o *Imparcial* na sua formidável campanha contra a Sociedade de Emigração para São Tomé e Príncipe, jornal em que pontificava a pena de Pedro de Melo, que arrancou centenas de pretos às garras egoísticas e fratricidas dos roceiros, comerciantes de carne humana?

Não culpou Pedro de Melo as entidades oficiais como convenientes no monstruoso crime da venda de legiões de pretos aos roceiros, e não usou dum vocabulário bem significativo na sua intensa campanha, enérgica pugna pela libertação dos pobres es-

cores falsas à polícia, vai ser enviado à Boa Hora, como encobridor da verdade.

Esteve também prestando declarações, no governo civil, o cunhado e o irmão do «chauffeur» João Fernandes.

#### O advogado da Cooperativa e as versões de alguns jornais

A propósito da versão de que nos fizemos eco de ter sido ordenada a prisão do sr. dr. Berens Laranjeira Freire, informamos este caso de que, quando anteriormente teve conhecimento do boato, imediatamente telefonou para a polícia de investigação a informar-se tendo obtido a resposta de que contra ele não havia.

Sobre a insinuação de que se teria evadido, diz-nos o referido advogado que em nada tem modificado os seus hábitos, sendo sua disposição ir ao encontro da polícia se esta tomasse a estranha atitude de querer detê-lo.

#### Reuniu-se um congresso de mineiros franceses

COMMENTRY, 14.—Os delegados da Federação Nacional do Sub-Solo, unitária e confederada, reunidos em congresso, aprovaram uma moção que preconizava a criação dum frente única de toda a organização de mineiros, a fim de obter-se um geral aumento de salários. O congresso decidiu ainda que o salário fosse equiparado às flutuações no custo da vida, estabelecendo-se o salário variável.—H.

#### Liberdade de associação...

ROMA, 14.—Os jornais de Milão anunciam que as sedes da C. G. T. (reformista) foram restituídas aos seus dirigentes, os quais haviam declarado submeter-se à nova legislação fascista sobre sindicatos.—H.

#### Contra a reacção clerical

A BATALHA publica amanhã mais um artigo de feição anticlerical da autoria do conhecido publicista e nosso distinto colaborador sr. Tomás da Fonseca.

#### UMA CONFERÊNCIA SINDICAL

SOFIA, 14.—A conferência sindical balcânica encerrou os seus trabalhos depois de ter aprovado três moções que reclamam o aperfeiçoamento da legislação social e de trabalho.—H.

cravos, dirigindo-se aos poderes públicos para que tivesse fim tão infamante escândalo, tão desumano, tão execrando crime?

Não eram doutrinários, nitidamente revolucionários—como nem podiam deixar de ser, visto terem sido rabisçados pelo sinistério do que vimos lendo—os artigos publicados no *Imparcial*—*O Homem perante a Natureza*—*O Natal dos pobres*—e a secção *Cultivando a crime*, a que na redacção deram—sem merecimento—como primeira epigrafe—*Estudos sociais*.

Não se dirigia às estações oficiais superiores, a Norton de Matos, o jornal *A Verdade* na sua secção epigrafeada em grossos caracteres—*A quem cabe a responsabilidade de cento e cinco vidas de degredados sepultados no cemitério do Almoxarife?*

Norton de Matos de tudo tomou conhecimento, tudo sabia; ele não se esquecia. Estava no início da sua missão diabólica; estava a dar começo à sua obra e ela devia começar por um lado, após a sua apresentação e o seu discurso, esboço dos seus grandes planos, do seu vasto e grandioso programa...

Começou a sua acção odiosa e perseguidora pela Associação dos Funcionários Públicos; esse ódio rancoroso está impresso no decreto em que, após a sua chegada, mandou dissolver aquele organismo. Viu naquela organização um grande perigo para o tão desejado e necessário progresso da colónia; dali tinha partido a greve, ali se conspirava contra os poderes estatais.

A existência da Associação importaria a discussão e crítica dos actos da cabeça reinante, que se reservava o direito de a todos proibir que apreciem e se revoltam contra o que quer que ordene e imponha como lei inviolável.

*A Tribuna* suspendera, deixara mesmo de publicar-se, não chegando o *Generalissimo* a tempo de se satisfazer em mandar encerrar as portas da redacção, como fez a outros órgãos, deportando os directores.

Ele tinha lido na *Tribuna* artigos de Guilherme Lima, H. de Azevedo, transcrições de autores preferidos, como V. Hugo, G. Junqueiro, Antero do Quental, Eça de Queiroz, etc.; eram rastilhos ardendo, que em breve poderiam causar explosões, dinamites do químico cujo estorbo pretendia evitar com bruta e bronzada pata do seu absolutismo de militar rancoroso e mau.

Dissolvida a Associação, perseguidos os elementos mais activos na greve, Norton de Matos, senhor absoluto da África Ocidental Portuguesa, continuou prossequendo na sua acção pernicioso, abusando dos cidadãos, roubando-lhes direitos invioláveis, anulando leis, cometendo todas as arbitrariedades, satisfazendo o seu instinto de dominador feroz.

Fazer comprometer todos que só à sua vontade tinham forçosamente de obedecer, dar às receitas da província a aplicação que entendesse, conceder terrenos e ordenar expropriações, fazer contratos com empresas particulares, dar passeios, ordenar prisões, mandar fechar portas e deportar chefes de famílias, sufocar a voz da imprensa eis a obra destruidora do grande organizador, que a si próprio e ao público chamov criminoso como veremos quando assistirmos à retirada do leiloeiro de Angola...

Correia de SOUSA

#### EM VILA NOVA DE GAIA

### Uma empresa negociadora de carne humana

VILA NOVA DE GAIA, 13.—Há nesta vila grandes potentados industriais que exercem sobre os trabalhadores a mais revoltante das explorações. Entre eles merece destacar-se a Electro-Cerâmica que há meia dúzia de anos assentou arrais nesta localidade, exercendo sobre o seu pessoal uma exploração asquerosíssima.

A Empresa Electro-Cerâmica tem a sua fábrica dividida em várias secções e em todas elas as mulheres e os menores trabalhavam em grande número.

Há mulheres que trabalham junto a grandes máquinas e desenvolvem um esforço sobrehumano, esforço que as mata prematuramente, para receberem em troca não um salário, mesmo irrisório, mas a humilhação, o vexame supremo que consiste nos 2 escudos com que lhe pagam. É preciso ter-se a alma dum bandido para se dar a uma mulher uma quantia tão insignificante em troca dum esforço que excede, em muito, as suas forças.

Nesta fábrica trabalham também crianças de 10 anos para receberem em troca 1\$70. E para isso, para receber 1\$70, têm de trabalhar 10 horas. Consentir numa oficina crianças de 10 anos constitui um crime e um crime repulante.

Esta empresa está realizando uma obra de escravatura mais repulante do que a exercida em antigos tempos. Compreende-se facilmente porque são tão espantosamente irrisórios os salários. Os bandidos que se encontram à frente daquela empresa industrial pretendem com aqueles salários obrigar famílias inteiras a trabalhar para eles, a deixarem-se trucidar em holocausto à sua criminosa ganância.

Ainda há pouco deu-se naquela fábrica uma grande redução de salários. Os operários que ganhavam 15\$00 passaram para 8 e os que auferiam 10 desceram para 7 escudos. As mulheres que nesta altura ganhavam 5 e 6 escudos passaram para 2 e 3 escudos.

E os explorados, aceitaram a redução dos salários sem o menor protesto!

Há uma lei que regula o trabalho dos menores nas fábricas—lei que como demonstramos aqueles miseráveis não respeitaram. Se os trabalhadores tivessem uma nítida consciência dos seus deveres há muito que os exploradores da Electro-Cerâmica deixariam de ser os mais desgraçados que hoje, infelizmente, ainda são.



## As condições em que pode ser feita a incineração dos cadáveres

A Associação do Registo Civil vai distribuir pelos seus associados as seguintes instruções:

«Tendo-se provado a necessidade do conhecimento da forma legal e indubitável de prevenir os factos para o integral cumprimento das últimas disposições quanto ao destino, após a cessação das funções vitais, a dar ao nosso corpo, a direcção da Associação do Registo Civil, no intuito de evitar posteriores dificuldades, lembra a conveniência de fazer-se a seguinte declaração:

«Eu abaixo assinado (estado, profissão e morada) estando no pleno uso das minhas faculdades mentais, declaro que quero que o meu cadáver seja incinerado.»

Data e assinatura reconhecida pelo notário ou a reconhecer, mesmo depois do falecimento.

Também por conveniência dão-se as seguintes instruções:

«Se o declarante estiver impossibilitado ou não souber escrever, pode outra pessoa assinar a r.ogo, mas neste caso é preciso que a assinatura desta seja reconhecida pelo notário na presença do rogante e de duas testemunhas.

Quando o documento fique em poder do declarante convém a existência de uma cópia no arquivo da Associação do Registo Civil ou em poder de uma pessoa de absoluta confiança.

A incineração só pode ser feita nos cemitérios providos de aparelhos crematórios e mediante autorização do conservador ou oficial do registo civil mais próximo que a concederá se lhe forem apresentados os seguintes documentos:

1.º Requerimento do parente de maior idade mais chegado, preferindo a viúva aos descendentes, estes aos ascendentes, e na falta de todos, o transverso mais próximo ou ainda qualquer entidade estranha quando exista declaração escrita do falecido;

2.º Certidão do médico que tratou ou observou o falecido, demonstrativa que a morte foi o resultado dum causa fatal.

3.º Verificação da causa da morte por um delegado ou sub-delegado de saúde, que também informará sobre qualquer inconveniente que julgue haver na incineração.

4.º Em caso de provir o cadáver de outra circunscrição, documento comprovativo da autorização para o transporte ou traslado.

A incineração será feita sob a vigilância do funcionário para isso designado pela corporação pública proprietária ou administradora do Cemitério, e as cinzas serão depositadas numa urna, em local a isso destinado, constituindo sepultura particular ou de família ou em depósito geral estabelecido pela mesma corporação.

## A hora legal vai ser adiada de 60 minutos

O ministro do Comércio, tendo considerado que a Espanha adoptou a hora de verão e que a ausência de igual providência no nosso país ocasionaria dificuldades para as ligações ferroviárias internacionais, com as consequentes repercussões nos horários de serviço interno, e ainda os inconvenientes dos horários de serviço postal e telegráfico, submeteu ontem à assinatura presidencial um decreto, determinando que a hora legal seja adiada de 60 minutos, desde 17 de corrente até 4 de Outubro próximo.

Para esse efeito todos os relógios do continente deverão ser adelantados de 60 minutos às 23 horas do próximo sábado.

## Os serviços da Cruz Vermelha

Durante o mês de março a Cruz Vermelha em Lisboa fez nos seus automóveis 500 transportes de doentes e feridos e nos seus postos de socorro do Terreiro do Paço e Calvário fez 1098 tratamentos e 199 vacinações. Durante o mês, efectuaram o pagamento das suas quotas 70 sócios.

## MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Estofadores.—Em 2.ª convocação reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: Discussão do relatório e contas da gerência finda; eleição da direcção e conselho fiscal, e resolver sobre a readmissão do sócio Leovegildo Marques do Amaral.

## A SAUDE PUBLICA

Pela policia da Câmara, e por determinação do sr. Emmanuel Kohn, foi intensificada a fiscalização nos restaurantes, hotéis e casas de pasto, etc., no sentido de verificar se as caçarolas, tachos, etc., se encontram devidamente esmaltados a fim de evitar intoxicações.

## A missão da União Latina

Os delegados da União Latina, srs. Joseph Carrière, jornalista, antigo conselheiro municipal e vice-presidente da União Latina de Toulouse e Paul Ferro, secretário geral da mesma, representante da Sociedade Propaganda de Portugal em Toulouse e membro da Câmara de Comércio Franco-Portuguesa de Paris, chegaram a Madrid, onde receberam o mais caloroso acolhimento nos meios políticos, intelectuais e económicos. Hoje serão recebidos pelo sr. presidente da república. Depois de abandonarem Lisboa, os delegados da União Latina irão fazer uma visita de cortezia à Universidade de Coimbra.

## AS GREVES

### NO ESTRANGEIRO

#### A bordo dum transatlântico

BORDEUS, 14.—O paquete-correio rápido *Massilia* não pôde partir para a América do Sul por o seu pessoal de bordo ter desembarcado, numa manifestação de descontentamento contra a presença de um oficial de quem se dizem agravações. Os grevistas reclamam também a readmissão de dois marinheiros. O navio desarmou e os seus passageiros desembarcaram e seguiram em comboio especial para Paris.

—H.

#### Carteiros de Paris

PARIS, 14.—Os distribuidores de cartas e impressos da receita principal de Paris cessaram o trabalho às 15 horas. Um importante serviço de agentes assegura a ordem. O serviço dos *quichets* é mantido pelos sindicatos comunistas. Os funcionários públicos, não obstante a proibição do governo, resolveram manter a manifestação que estava marcada para as 18,30 na Praça da Opera e na gare de St-Lazare. Um numeroso serviço de policia vigia as ruas, nas proximidades da Opera; estão também guardadas as principais gares. Até às 18,15 não se deu qualquer incidente. —(H.)

#### Operários cabeleiros

TOULON, 14.—Os operários cabeleiros declararam-se em greve porque os patrões se recusavam a aplicar a semana inglesa de 54 horas. Houve diversas reuniões na Bolsa de Trabalho e produziram-se manifestações em que a *Internacional* foi cantada.

## SOCIEDADES DE RECREIO

Sociedade Recreio Operário «A Portugal».—Hoje às 21 horas, grandioso baile com diversas surpresas.

Academia Recreio Musical do Pessoal do Comando Geral de Artilharia.—Reúne a assembleia geral hoje, pelas 21 horas.

## CRISE DE TRABALHO

### Classes metalúrgicas

O S. U. Metalúrgico de Lisboa, tendo-lhe aparecido a oferta de colocação dum operário serralheiro mecânico, com prática de motores, numa oficina da provincia, convidou a comparecerem hoje, pelas 21 horas, todos os operários desempregados que satisficam as condições exigidas.

### Obras das Casas Económicas da Ajuda

Os operários que foram despedidos das obras das Casas Económicas da Ajuda, reuniram ontem na secção sindical da construção civil de Belem. Presidiu Alexandre Assis, secretário geral da Bolsa de Trabalho, o qual depois de expor os fins da reunião aconselhou os presentes a serem ponderados nas suas apreciações pois a sua situação é bastante grave, como grave é a situação de todo o operariado da industria.

Falou em seguida o secretário geral do Sindicato Unico, que informou a assembleia do resultado dos trabalhos realizados no sentido de evitar que os trabalhos das referidas obras paralisassem. Nesses termos aquele camarada disse que na entrevista havida com a comissão administrativa da obra, o sr. Virgílio Preto notificou a comissão do Sindicato Unico que o procurou, que junto do ministro do Comércio procuraria reforçar a verba, pois a não ser assim, a verba existente pouco mais daria do que para pagar aos fornecedores.

O mesmo camarada informou ainda a assembleia que a comissão procurou varias vezes o ministro do Comércio, nunca tendo a felicidade de o encontrar pelo que foi sempre recebida pelo chefe do gabinete e secretários daquele ministro. Na ultima entrevista com um dos secretários referidos a comissão foi informada que os trabalhos das obras das Casas Económicas da Ajuda, por determinação do ministro, passariam para a direcção da comissão administrativa dos edificios publicos, faltando apenas ser publicada no «Diário do Governo» a portaria sobre o assunto, a qual já se encontrava elaborada.

A pesar dos desejos manifestados nesse sentido, diz o orador, não foi possível saber-se quando reabram as obras.

Falaram sobre o mesmo assunto Francisco Rita, João Gomes, Olimpio e José Filipe, sendo por fim aprovada uma proposta pela qual se resolveu que todos os despedidos acompanhem a comissão quando esta for ao ministro do Comércio tratar o assunto.

### Operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho

Reuniram ontem de manhã os operários licenciados das obras do Estado e associados sem trabalho. A comissão de «demarches» informou a assembleia que, em virtude do ministro do Comércio ainda não ter apresentado ao Parlamento a proposta de reforço da verba para as obras do Estado, a situação dos desempregados continuava a ser a mesma.

A comissão conta entrevistar hoje algumas individualidades que superintendem nas obras dos monumentos nacionais e edificios publicos.

### Um novo barco

Vindo da Alemanha, onde foi adquirido, chegou ao Tejo o vapor *Wagrein*, que vai ser embaixado em portuenses, a fim de ser empregado nas carreiras de passageiros entre Lisboa e Seixal.

O *Wagrein* é um barco modelar oferecendo grande comodidade.

## INSTRUÇÃO

### Novas escolas de ensino primário

Foram criadas escolas de ensino primário em Igreja, freguesia de Prado (S. Miguel) e em Ponte (S. Vicente) ambas no concelho de Vila Verde; em Carregal, freguesia de Montes de Senhora, Póvoa de Varzim; em Carregal, Amores; em Codexira, freguesia de Novais; Póvoa de Varzim; em Menezes, freguesia de Torquada, Vila Real; em Fonte-Cova, freguesia de Monte Redondo, Leiria e em Pico-Serras, sede do concelho de Marinha Grande. Também foi convertida em official a escola primária de ensino geral, denominada Escola do Visconde do Rozário, existente no lugar da Vitória, freguesia de Guadalupe, Santa Cruz da Graciosa, (Açores).

## Instituto Policlínico da Estefânia

Largo de D. Estefânia, 6, 1.º—Telef. N. 3435  
CONSULTAS PARA AS CLASSES POBRES

Corpo clínico—Doentes:

A. de Almeida Rocha—Clínica geral—às 14 horas.

António de Carvalho—Sifilis—às 11 h.

Berta de Moraes—Doenças das senhoras—às 13 h.

Carlos Guerra—Clínica médica, doenças de coração e pulmões—às 18 h.

Domingos Dias—Doenças da boca e dentes. Protese—às 10 h.

Fernando Wadington—Raio X.

Heitor da Fonseca—Clínica médica, doenças do estomago, intestinos e fígado—às 12 h.

J. Pais Laranjeira—Doenças dos rins e vias urinárias—às 11 h.

José Salazar Carreira—Doenças das crianças, ortopedia, ginecologia e massagem médica—às 13 h.

Pedro Roberto Chaves—Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho—Cirurgia, operações—às 16 h.

## Teatro Nacional

HOJE—às 21 horas em ponto

A linda peça de

CHARLES MERÉ

Tradução de JOSÉ SARMENTO

PROTAGONISTA:

Ester Leão

Encenação do professor António Pinheiro

## A DANÇA DA MEIA NOITE

## HORARIO DE TRABALHO

### Secção sindical da Construção Civil de Belém

A secção da Construção Civil de Belém convida todos os fiscais de horário desta área a comparecerem amanhã, das 20 às 22 horas, nesta secção acompanhados dos respectivos cartões, para um assunto urgente.

### Uma grande sessão no Alto do Pina dos empregados no comércio

E' hoje, pelas 21 horas, que se realiza na rua Barão de Sabrosa, 81, 1.º, ao Alto do Pina, a anunciada sessão magna dos empregados no comércio para tratarem do escandaloso desrespeito por parte do patronato ao horário de trabalho, do descanso semanal e do uso vexatório das carroças de mão.

O Sindicato dos Empregados no Comércio e Industria, organizador destas sessões, está confiado que a classe secunde os seus esforços, achando-se o mesmo disposto a defender as regalias já conquistadas, custe o que custar.

## A greve de Lourenço Marques

### Rurais de Vila Viçosa

Os rurais de Vila Viçosa reunidos em assembleia magna resolveram enviar ao ministro das colónias um protesto contra as violências exercidas contra os ferroviários de Lourenço Marques pelo Alto Comissário de Moçambique.

## Contra a extradição de Paulo da Silva

### Rurais de Vila Viçosa

Os rurais de Vila Viçosa reunidos em sessão magna aprovaram um protesto contra a extradição de Paulo da Silva e resolveram dar conhecimento dele ao representante da França em Portugal.

A Secção Profissional dos Estudadores do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, em sua assembleia geral, aprovou um protesto contra a pretendida extradição de Paulo da Silva.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 29 desta revista intitulada *Maternidade*, de Federica Montseny. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de A Batalha.

## Queixas e reclamações

### Uma medida violenta

Artur Pereira Júnior escreve-nos contendo o seguinte:

«A Sociedade Estoril, que tem em mira única e exclusivamente os seus interesses e não se lembrando dos desgraçados que também têm direito à vida, fechou a passagem de nível em Pedrouços que dá ingresso à praia não se sabendo quem que interesse e não vendo a mesma que prejudica pescadores, moradores e proprietários da mesma praia, pois que estão privados de todos os socorros em caso de incêndio ou outro qualquer sinistro vulgar nas praias, visto que era a única passagem de socorros em qualquer dos casos.»

## HOJE

Telef. T. 976

## Teatro da Trindade

A sensibilisadora peça de KISTEMAEKERS

## A EXILADA

Protagonista:

Lucília Simões

Ruidoso êxito

Artístico conjunto

Brilhante encenação

## TEATRO RUISELA

HOJE HOJE

O APETITOSO

## Pão de Ló

Em ensaios o vaudeville

O DR. DA MULA RUÇA

## 'A Batalha' na provincia e arredoras

### Faro

#### Fantochadas religiosas

FARO, 12.—A notícia que publicamos há dias com a epigrafe supra causou engulhos ao sr. Adelino dos Santos, que ameaçou o correspondente de A Batalha de esbofetear-lo logo que o encontrasse na rua.

Porém, como nós não nos amedrontamos com essas ameaças, continuaremos escalpelando todos os Adelinos, pois sabemos que por esta porta não entrará aquele carola com a mesma facilidade com que entrou e saiu pela do pobre velhote ameaçado no Jardim Bivar. Aguardemos no entanto os acontecimentos com a serenidade precisa.—C.

### Portimão

#### O acto indigno dum mestre dum cerco de pesca

PORTIMÃO, 15.—O último número da «Voz do Marítimo» inseriu um artigo intitulado «Aos marítimos de Portimão» que, por inserir verdades, causou engulhos aos mestres dos cercos desta localidade. Contudo, esses mestres com o seu ignóbil procedimento continuam demonstrando que o artigo que tanto os indignou só continha verdades.

Há tempos um pobre velhote, que toda a sua vida foi um marítimo e que actualmente está convertido numa espécie de moço de recados do mestre Messines, foi brutalmente empurrado pelo irmão daquele, resultando disso uma queda pela escada, ficando bastante maguado. Esta agressão foi tão bárbara como injustificada. Mas a «Voz do Marítimo» é que falta à verdade...

Ultimamente, alguns marítimos cansados de serem maltratados compraram alguns galões. O mestre Messines, um dos que mais se indignou com a «Voz do Marítimo», exasperado por esses marítimos viverem um pouco melhor do que quando eram explorados pelos mestres, aproprio propositalmente o seu cerco numa canoa da companhia conhecida pela da Galinha, obrigando-a a voltar-se. Perdeu-se todo o peixe—cerca de 60 milheiros de sardinhas—100 braças de cabo, um balde, um batedor, uma capa de oleado e uma cartola. Os tripulantes da canoa caíram ao mar e só por milagre se não deram desastres graves, chegando dum deles a estar em perigo de vida. Se fosse de noite a tripulação teria perecido.

Este mestre Messines, como é o proprietário dum dos melhores palacetes desta vila, está esquecido dos tempos em que andou de pé descalço. O seu acto revela uma grande desumanidade e merecia um correctivo severíssimo.

### Marinha Grande

#### Atitude estúpida e violenta dum verdadeiro brutamontes

MARINHA GRANDE, 13.—Nós, que temos por hábito apreciar todas as questões, com imparcialidade, e por ela pautar as nossas considerações, não podemos deixar de protestar contra a arbitrariedade que acaba de ser cometida pelo vereador da câmara municipal sr. Albano Tomé Feteira na pessoa do correspondente dum jornal diário de Lisboa, sr. António Pedro Gomes.

E o caso que originou este incidente foi simplíssimo, o que demonstra a intolerância para não dizermos brutalidade do vereador em questão.

O caso foi assim: António Pedro Gomes para mais facilmente tomar notas da reportagem que era necessário fazer, pediu autorização para se sentar à mesa.

Albano Tomé Feteira que presidia à sessão em substituição do sr. dr. Ferreira Custódio, anuiu ao desejo do citado correspondente, impondo-lhe, porém, a condição de tomar apenas as notas que lhe indicasse, e mesmo assim, em conformidade com os designios do Senado, que estava passando arbitrariamente sobre códigos, consuetudinários e mais trapalhada.

Nestas condições Pedro Gomes retorquiu como convinha, acrescentando que apenas obedeceria à voz da razão e nada mais.

Acto continuo e sem tir-lhe nem guar-te Tomé Feteira levanta-se da cadeira de espaldar, que nem sequer respeitou, e agarrando-o violentamente por um pulso, levou-o de encontro à porta.

Como se vê neste pequeno extracto, é suggestiva a acção de Albano Tomé e traduz em toda a sua essência muito ódio e muita inconsciência.

Se o correspondente do jornal tivesse saído da linha, seríamos a primeira pessoa a protestar contra a incorrecção.

Mas não aconteceu assim.

Por isso, cheios de autoridade moral, vimos levantar a questão, porque não se concebe que uma pessoa que está presidindo a uma sessão do Senado se porte tão censuravelmente, magoando um modesto representante dum jornal.

A continuar assim este desentendimento quererá, dentro em pouco, tão espinhoso e ingrata missão.

Esta violência é a sequência da atitude desasombrada do sr. António Pedro Gomes, com o caso dos motores e outros «gatos».

Como homens livres que somos protestamos energeticamente, fazendo coro conosco os homens conscientes desta terra.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil ás boas donas do casa. Preço 2\$50; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

## TIVOLI

Telef. N. 5474

Matinée às 3h.—Série às 8 3/4

AMORES DE PRINCEPE

OU

O CARROUSSEL DA VIDA

Superprodução em oito partes com

Norman Kerry e Mary Philbin

Buster Keaton (Pamplinas)

numa das suas últimas produções

Sherlock Holmes Júnior

Uma comédia em cinco partes

Uma revista de actualidades

Um documentário de arte

Uma panorâmica portuguesa

Sábado:—Matinée de caridade

Tia matinee tem entrada gratuita ás crianças acompanhadas de suas famílias

## Ocorrências diversas

No tunnel da Avenida, foi a madrugada passada encontrado caído e apresentando fractura da base do crânio, um individuo que, transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de São José, deu entrada na Sala de Observações, depois de observado pelos dres. Fernando de Lacerda e João Bastos, sendo horas depois reconhecido como sendo Martin Correia de Sá, de 16 anos, filho de Salvador Correia de Sá (Visconde d'Asseca) e de Carolina Correia Asseca, residente na Quinta da Vigia em Sintra, estudante Instituto Nunes Alvares em Caminha, para onde devia ter seguido no comboio que ante-ontem à noite partiu da estação do Rocio para o norte. A tarde foi transferido da Casa de Observações para o Quarto Particular n.º 2 do mesmo hospital, onde continua sem fala, sendo grave o seu estado.

—Numa das Repartições da Administração dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, na calçada do Correio Velho, foi ontem, pelas 14 horas, acometido de doença subita o engenheiro dos mesmos caminhos de ferro, Artur Augusto Mendes, de 62 anos, natural de Moura, o qual imediatamente transportado num automóvel ao Hospital de São José, faleceu no Banco após a sua chegada. O cadáver recolheu à Casa Mortuária do mesmo hospital, de onde, pelas 5 horas da tarde, foi removido para a sua residência, rua Açores, 45, r/c, saindo hoje dali o seu funeral.

—Na enfermaria n.º 9 do Hospital de São José, deu entrada Manuel Ferreira, de 30 anos, criado de servir, natural de Melgaço, e que na sua residência, Avenida da Liberdade, 103, loja, tentou suicidar-se.

—No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado, recolhendo depois à Sala de Observações do Hospital de São José, Júlio Canhoto, de 33 anos, servente, natural e residente na Ribeira, Vila Franca de Xira, e que nas oficinas gerais dos caminhos de ferro em Santa Apolónia, foi colhido por um guindaste, ficando com três dedos da mão esquerda enfiados.

—Na enfermaria de S. Fernando do Hospital do Desterro deu entrada, Augusto da Fonseca, de 31 anos, apêndice de C. P., natural da Guarda e residente no Cacem de Baixo (Sintra) que, na estação do Cacem foi colhido por uma máquina que ali andava em manobras ficando com o pé esquerdo esmagado, pelo que foi operado no Banco do Hospital de São José, pelos dres. Fernando de Lacerda e João Bastos.

—No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu curativo, recolhendo depois à Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, Armando Amador, de 16 anos, natural de Pavilhão (Aveiro) trabalhador, residente na rua da Lapa, 81, loja, que ficou entalado entre o vapor brasileiro «Praia da Vitória» e a muralha do Terreiro do Paço, ficando com uma perna esmagada.

—A Sala de Observações do Hospital de São José deu entrada, Edite Soares Fries, de 4 anos, moradora na travessa das Freiras, 28, loja que, próximo da residência, foi atropelada por um automóvel, ficando ferida na cabeça.

—No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço recebeu curativo e recolheu a casa, Jerónimo da Costa, de 66 anos, trabalhador, natural de Arouca e residente na rua de 7 Moinhos, 35, que, na Ribeira Nova, foi ferido com uma espadeira na cabeça.

## OS QUE MORREM

### Francisco Paulo de Matos Soudo

Realizou-se no dia 12 do corrente o funeral do menino Francisco Paulo de Matos Soudo, filho do alferes sr. Joaquim Guilherme Soudo e de D. Ernestina Matos Soudo. Fizeram-se representar o Centro Escolar Democrático de Campo de Ourique, Instituto Superior de Agronomia, 12.ª Repartição de Contabilidade Pública do ministério da Agricultura e pessoal das obras de reconstrução da parte oriental da Praça do Comércio.

## SOLIDARIEDADE

### Pró Jacinto Dias

Promovida por uma comissão de amigos realizou-se, no próximo sábado, na Associação dos Descarregadores do Porto de Lisboa, rua dos Anjos, 161, 1.ª, às 21 horas, uma grandiosa festa em favor de Jacinto Dias, operário da construção civil, com o seguinte programa: Concerto de guitarra, por Salvador Freire que será acompanhado à viola por Georgino de Sousa; canção nacional por Alfredo dos Santos, Manuel Portugal, Américo e Raúl Ceia, Raúl Brigueul, António Lado, Estanislau Cardoso, Artur Rodrigues, Armando Barata, Joaquim de Campos, Júlio Proença, Carlos Freire, Joaquim Viegas, António Nobre, Vitorino Luís, Ventura Barros, José Júlio, Artur Cristo e Alberto Silva; canções brasileiras por Joel Barradas; variações de fado, por Armando Freire (Armandinho), que será acompanhado por Abel Negro; e um acto de variedades por diversos amadores.

A comissão promotora da festa enviou-nos dez bilhetes para serem vendidos, e o seu produto reverter em favor dos presos sociais. Qualquer camarada que dêste modo queira auxiliar os presos deve dirigir-se à administração do nosso jornal onde se encontram à venda os referidos bilhetes.

## MARIA VITORIA







# A BATALHA

A campanha de "A Batalha" contra a burla das "séries" acaba de assinalar o seu primeiro triunfo



## Solidariedade aos jovens sindicalistas presos ou perseguidos

Tese a apresentar ao II Congresso Nacional das Juventudes Sindicalistas.  
Relator: Manuel Viegas Carrasçalão

A solidariedade aos jovens sindicalistas presos ou perseguidos por razões insustentavelmente emergentes da questão social é uma questão que para a mocidade sindicalista da região portuguesa deveria ser de primordial importância, mas tem sido por quasi todos descurada em absoluto. E tanto assim é, que a Caixa de Solidariedade da F. J. S. já há mais de quatro anos suspendeu a sua função auxiliadora por esgotamento absoluto dos seus fundos monetários. Foi em 1922 que esta suspensão teve início. Desde então centenas de jovens sindicalistas têm passado pelas masmorras desta «liberalíssima» re... pública arrastando uma vida de crueza miserável, sofrendo toda a casta de ineficiências sem que o seu organismo federativo, porque o não podia fazer, lhes prestasse sequer um centavo de solidariedade. Como consequência constata-se este facto desolador e que é pouco abonatório da firmeza de convicções da mocidade sindicalista da região portuguesa: Dos jovens sindicalistas que passam pelas prisões muito poucos são aqueles que voltam para o nosso seio.

Quasi todos se afastam, porque não tendo ainda a consciência absoluta do ideal que pretendiam defender e propagar viram-se na prisão completamente abandonados pelo lado material. Afastam-se, para na maioria dos casos, não mais voltarem. São soldados que se perdem para a causa da emancipação proletária. São cérebros que novamente mergulham na treva da inconsciência e do indiferentismo. Na maioria dos casos, dos jovens sindicalistas que passam pelas prisões só continuam na organização aqueles que possuem uma consciência formada, completamente integrada no Ideal Sublime que norteia as juventudes Sindicalistas e em cujo espírito se torna impossível o desânimo. Mas estes últimos, os que ficam, são poucos...

Urge remediar esse mal. Temos que responder às perseguições estatais com o poder inquebrantável da nossa solidariedade, demonstrando assim que sabemos sentir o sofrimento alheio.

O II Congresso das Juventudes Sindicalistas deve resolver satisfatoriamente este assunto, contribuindo assim, e muito, para o desenvolvimento da organização juvenil. Dito isto à maneira de preâmbulo entrementes propriamente nas considerações que me levam a apresentar-vos esta tese e que eu subdividi em: *Solidariedade moral, Solidariedade material, Como deve ser prestada a solidariedade e Modificações do regulamento da Caixa de Solidariedade.*

Dito isto entrementes no capítulo que se intitula

Mais importante que a solidariedade material, consubstanciada em auxílio monetário, é a solidariedade moral que sendo a mais fácil de prestar, é cumulativamente a mais descurada pela quasi totalidade dos jovens sindicalistas e pelos próprios militantes operários. E' frangido o espectáculo que se nos depara ao visitarmos uma prisão onde apenas se encontram presos por delitos sociais. A ausência de camaradas como visitas é a nota predominante. Apenas ali vemos as famílias dos nossos camaradas presos que, reparando nesse abandono, quotidianamente exprobam aos presos a sua dedicação pelo Ideal com frases causticas como por exemplo esta: *Vês o caso que os teus camaradas fazem de ti, nem cá aparecem, se não fosse a tua família nem visitas tinham, etc., etc.*

E infelizmente esta frase é verdadeira. Salvo raras excepções, apenas são visitados por camaradas aqueles que com eles estão ligados por laços de amizade pessoal. Presos há que, não possuindo família, e não tendo sabido por qualquer circunstância cultivar relações de amizade pessoal não recebem a visita de pessoa alguma. Vivem quasi que isolados do mundo, num abandono cruel que abate terrivelmente a energia sofrendo inenarráveis torturas morais. E' necessário ser dotado de muito estoicismo para não succumbir a tal martírio. E' necessário que todos saibam que para um preso não há maior alegria, além da liberdade, do que receber visitas, especialmente de camaradas que ele sabe pensar como ele e estejam possuídos dum enorme sêde de perfeição e prontos a fazerem todos os sacrificios em prol da Ideia. E' necessário que este indiferentismo desapareça. E' necessário envolver os nossos presos numa atmosfera de fraternal carinho, dando-lhes a certeza de que o seu sacrificio é sentido por todos os seus camaradas de Ideal.

Bem sei que é muito penoso subir a freguesia de Monsanto, como estar 2 horas encerrado no Limoeiro ou em qualquer das inúmeras masmorras existentes no país. Mas não nos devemos esquecer que há presos que se conservam anos e anos encerrados nessas masmorras e então essas duas horas não nos custarão nada e é um grande auxílio que prestamos, não só a esses camaradas, mas também ao Ideal que professamos. Não deve ser o motivo de não se conhecerem que leve os camaradas em liberdade a não visitarem os seus camaradas presos, porque isso não importa desde o momento em que estão todos irremediavelmente ligados pela maior das alidades: o Ideal.

Prestada esta solidariedade moral, estou certo que diminuirá grandemente o número de jovens que abandonam as Juventudes Sindicalistas pelos motivos acima apontados.

Entrementes a seguir no capítulo

### Solidariedade material

que sendo de menos importância que a Solidariedade moral é no entanto de grande necessidade e de molde a chamar a atenção do Congresso para que seja minorada tanto quanto possível a miserável situação que os jovens sindicalistas atravessam na prisão. Desnecessário era dizer que todos os jovens sindicalistas são operários, e em liberdade, ao exercício das suas profissões, auferem um salário que mal lhes chega para as suas necessidades. A sua situação não é nada invejável pois que é a situação de todos os escravos do salariato. Quando são presos, então impossibilitados de trabalhar, sofrem uma transição brutal passando da miséria tolerável em que viviam, a um esgotamento

completo de recursos. Vem então a fome, e como consequência desta, a tuberculose que lhes mina por completo o organismo e os leva em breve prazo à sepultura. E quando porventura a morte redentora não vem fechar a cúpula do sofrimento, ficam inutilizados para o trabalho e transformados em autênticos farrapos humanos.

Não julgais que o que acima vos digo é exagero, fruto de um cérebro doente, propenso a pessimismos. Isto é apenas um pálido reflexo da verdade. Se a situação dos jovens sindicalistas na prisão fosse descrita com tons mais carregados, talvez assim nos aproximássemos da verdade.

E a situação das famílias dos presos? Essa é preferível não a descrever porque vós deveríeis com certeza avaliar com mais ou menos exactidão a sua situação precaríssima.

Os perseguidos, então, obrigados a uma vida errante, constantemente acoados como feras pelas autoridades, exaustos de recursos terminam quasi sempre, depois de muito sofrerem, por cair nas garras dos seus perseguidores.

Justo é que se olhe para esta situação, procurando assegurar aos jovens sindicalistas presos ou perseguidos e às famílias dos mortos pela causa, um auxílio consentâneo com as nossas possibilidades. Porém torna-se necessário saber

### A quem deve ser prestada solidariedade,

para que não tornemos a cair no erro, bem prejudicial, por sinal, de auxiliarmos criaturas que pela situação moral em que se encontram e pelos seus actos irreflectidos, só contribuem para que a volta das juventudes sindicalistas se crie uma atmosfera de terrorismo que só as deslustra e faz afastar, delas as simpatias e incitamentos a que têm jús pela sua missão educativa, e contribuindo para que no seu seio ingressem muitas centenas de jovens trabalhadores, cujo desejo seria o de acompanhar-nos na terrível peleja em que estamos empenhados de arrancar a mocidade à taberna, aos lupanares, à ignorância, em suma, à inconsciência em que, com grande prazer da burguesia dominante, estão mergulhados.

Deve ser prestada solidariedade aos jovens sindicalistas presos ou perseguidos. Incontestavelmente. Mas só aqueles que pelos seus actos e pela sua moral se tornem dignos dela. Porventura podemos nós auxiliar o cobarde que no escuro da noite abandona uma bomba que, com a metralha impulsionada pelo colossal poder da sua explosão, possa levar a morte a criaturas que não auxiliam o indivíduo que arranca a vida a outrem para satisfazer os seus maus instintos ou uma mesquinha vingança? Não, porque isso seria a propagação da inconsciência do crime, lisongeando os mais baixos instintos da animalidade. Seria o aniquilamento completo desse belo sentimento que é a Solidariedade. Seria falsearmos o nobre ideal por que as Juventudes Sindicalistas se norteiam e que é toda a sua razão de existência.

Sim, devemos auxiliar os jovens sindicalistas, presos ou perseguidos, mas depois de analisarmos a causa fundamental da sua prisão ou perseguição, de forma a que só sejam auxiliados os que procederam em benefício da colectividade ou que são presos ou perseguidos em virtude das ideias que professam.

(Continua)

### ARTIGOS ELECTRICOS

Novas tabelas com preços actualizados  
CASA PALISSY GALVANY  
Rua Serpa Pinto, 15

### Alguns parmenares sobre o golpe de estado na China

PEQUIM, 14.—Ante a atitude do general Feng, abandonando o comando a Lu-Ching-Lin, os chefes do partido Kuo-Min-Chun pediram ao general Pei-Fou que viesse restabelecer a situação política em Pequim.

O presidente Tuan-Chi-Jui foi refugiado na legação francesa de madrugada, isto é, a hora que se produzia o golpe de Estado nacionalista, que se efectuou em meio de grande sigilo.

As portas de Pequim foram encerradas à noite e as comunicações telegráficas estiveram interrompidas muitas horas.

O único sintoma exterior de acontecimentos importantes foi o cerco ao quartel general do chefe do poder executivo Tuan-Chi-Jui.

Foi logo afixada a proclamação nacionalista, na qual se declara que desde a subida ao poder de Tuan-Chui se cometeram inúmeros erros prejudiciais ao povo, sendo dos maiores a assinatura do acordo estipulando a indemnização aos nobres em franco-ouro, sem a consulta ao povo, e o recente massacre de estudantes que desperdiçou a mais alta indignação popular.

A proclamação acrescenta que Tuan-Chui, rodeado por partidários Anfou, foi levado a esquecer a lei, em detrimento dos seus próprios interesses e a soltar o grito de guerra.

Os soldados que formavam a guarda do chefe do poder executivo envergam agora o uniforme da guarda nacional, constituindo uma nova brigada mista que foi enviada para um ponto escolhido da cidade.—H.

### Uma festa operária

Promovida por uma comissão de operários realiza-se no Eden de Santo Amaro de Oeiras, no próximo sábado, uma grandiosa festa em benefício do cofre social da Associação de Classe do Operariado de Oeiras.

O programa dessa festa é o seguinte: representação do drama em 3 actos, despenhamento pelo aplaudido Grupo Solidariedade Operária, «Gatunos de Lúva Branca», execução de «Caramelo», zarzuela, pela banda da Academia Instrução Oeirense; conferência pelo nosso camarada de redacção Mário Domingues; exibição da cêgda «Nô creio em Deus», da autoria de Fernando Rodrigues e baile.

Sai hoje o 20.º n.º da revista gráfica de novos horizontes sociais

## «RENOVAÇÃO»

que entre outra matéria interessante insere o seguinte:

O' graxa!... O' graxa!... com gravuras, por M. D.

Os fareleiros com gravura por N. de B.

O cinematógrafo com retrato do inventor das figuras animadas

O silêncio que oprime e o silêncio que liberta

com gravuras, por Mário Domingues

Bailados filosóficos com gravura, por Eduardo Frias

Alberto Ghiraldio com retrato do escritor revolucionário argentino, por Ferreira de Castro

A caixa receptáculo postal com gravura

Como se resolveria o problema da habitação com gravuras

As superstições em Portugal por Ladislau Batalha

Ernesto da Silva com retrato, por Nogueira de Brito

A conselheira soneto de Bento Faria

Na capa desenho de Botelho, a três cores

16 páginas de texto ilustradas com 15 gravuras

PREÇO 1\$50

## O conflito marítimo

Nota officiosa da comissão de «démarches»

Continua no mesmo pé o conflito marítimo, a pesar das diligências empregadas pela comissão de «démarches» para a sua solução, que nos enviou a nota officiosa que segue:

«A comissão de «démarches» recebeu da Liga dos Officiais de M. M. a resposta à plataforma que as comissões de «démarches» apresentavam a esse organismo e por essa resposta soube esta comissão que os oficiais se mantêm irredutíveis e não querem solucionar o conflito, não querendo também tomar responsabilidades nele.

Camaradas: deveis pedir-lhes responsabilidades.

Todos os camaradas devem exercer a maior vigilância para evitar as inscrições na capitania.

As comissões das Classes de Longo Curso saúdam-vos pela altivez e firmeza que tendes mantido devendo vos acatar todas as resoluções das comissões de «démarches» e dos vossos sindicatos.—A comissão de «démarches».

A atitude de alguns capitães

Os comandantes dos navios «Lagos» e «Infante de Sagres» resolveram escolher as suas tripulações nos respectivos sindicatos, pelo que aqueles barcos seguem por estes dias, respectivamente, para a Madeira e Africa Ocidental.

A atitude da Federação Marítima

A Federação dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais da Região Portuguesa, reunida em sessão do Conselho Federal, apreciou largamente a questão suscitada entre as classes de longo curso, resolvendo protestar contra a atitude dos causadores deste conflito que por em cheque uma das regalias mais importantes das classes que compõem o pessoal menor, agudizar os acontecimentos e intervir quando for chamada pelas partes em litígio.

Uma conferência no ministério da Marinha

Comunicam-nos da Arcada: O ministro da Marinha convidou dois representantes dos armadores, dois da Liga dos Officiais da Marinha Mercante e dois da Associação dos Maquinistas de Mar e Terra, para uma reunião no seu gabinete, hoje, pelas 10 horas da noite, a fim de se solucionar o conflito marítimo existente desde o caso ocorrido no vapor «Sines».

A atitude da Federação Metalúrgica

A Comissão Administrativa da Federação Metalúrgica, ultimamente reunida, apreciou a atitude da Liga dos Officiais da Marinha Mercante ante as classes marítimas de longo curso—que os oficiais consideram de categoria menor—verberando tal atitude, que tende a arrancar às classes marítimas a regalia profissional das listas sindicais de inscrição para trabalho, regalia essa conquistada sindicalmente à custa de uma boa parcela de esforços em anos consecutivos, resolvendo officiar à referida Liga, fazendo-lhe sentir os males que da sua pretensão advém não só para as classes marítimas como para todas as que trabalham nos transportes marítimos.

800 crianças visitam hoje o Jardim Zoológico

Hoje, das 12 às 16 horas, em carros eléctricos vão em visita de estudo e recreio ao Jardim Zoológico, 800 crianças das escolas primárias oficiais e subsidiadas pela Câmara. Acompanham as crianças os respectivos professores que lhes darão explicações acerca da fauna e da flora existente no jardim.

Haverá um lanche às 14 horas ao qual assistirão o vereador sr. Alexandre Ferreira a quem se deve tão simpática iniciativa.

## Prevenção

A Federação Local de la Edificação de Vigo previne o operariado português de que não deve dirigir-se para aquela cidade, visto encontrarem-se em greve os operários do mobiliário em virtude de não lhes ter sido atendida uma justa reclamação.

## O NERO DE MOÇAMBIQUE

## Como a inépcia de Azevedo Coutinho agravou o estado financeiro duma provincia

A Batalha já documentou que, no dia em que Azevedo Coutinho assumiu, em Lourenço Marques, o exercício do cargo de Alto Comissário na provincia de Moçambique (15-11-1924) estava o *prémio das transferências* na casa dos 30. Os motivos desse relativamente elevado prémio, já os dissemos, avultando entre eles, nessa altura, uma excessiva circulação fiduciária, resultante, em parte, das exigências e dividas de quem governava a colónia desde fins de Março de 1921 a princípios de Setembro de 1923.

Aberto o período administrativo de Setembro de 1923 a Novembro de 1924, a divida que o Governo anterior tinha contraído no B. N. U., diminuiu 18.000 contos e 50.000 libras; numerosas dividas que tinha havido na praça de Lourenço Marques foram-se saldando; a Companhia de Navegação recebeu, por conta, nada menos de 30.000 libras; e 5 dias depois da posse de Azevedo Coutinho, a Fazenda apresentara-lhe um mapa, informando-o que, de cerca de 900.000 de dividas criadas por um outro alto comissário, a administração cessante, excluídos os serviços autónomos, só deixara por pagar 15.367 contos (ao câmbio, então, de 150\$00, Lbs. 109.114) e Lbs. 259.500.

Desta situação, duma eloquência que dispensa largos comentários, resultou, como não podia deixar de ser, a recolha de algum papel-moeda, e se é certo que o valor do dinheiro aumenta à medida que diminui a circulação fiduciária sem base equivalente em reservas metálicas, de notar é também que em Moçambique se deu fenómeno absolutamente contrário, como vamos ver.

Em Fevereiro, o boletim oficial da colónia inseria a seguinte

Nota da circulação fiduciária	
Libs.	Esc.
Julho (1925)...	932.870-10-0   48.168.776\$00
Jan.º (1926)...	843.993-10-0   40.327.701\$00
Diferença...	118.877-00-0   7.841.075\$00

Diferença para menos, na circulação fiduciária. Note-se, porém, que a diminuição do papel-moeda representativo do valor de (numeros redondos) libras. 119.000 e 8.000 contos, correspondeu um colossal e significativo agravamento do *prémio de transferência*, pois este passou de 44 % (em julho de 1925) para 85 % (em Fevereiro de 1926)!

Que representa isto?

Que Azevedo Coutinho, o esbanjador e incompetente, não tendo sabido gerir os

dinheiros de Moçambique, levou as suas populações a perderem toda a confiança na administração caótica, perniciosa e sem objectivo útil aos interesses colectivos.

Que o «Nero de Moçambique», por mais favoráveis que se lhe apresentassem os factores económicos e financeiros, comprometia e arruinava, cada vez mais, a valiosa possessão ultramarina que em má hora lhe entregaram para governar.

Que, se o empréstimo de 18.000 contos, em discussão no Parlamento, fosse por ele utilizado, mais um desastre cairia sobre Moçambique, provado como fica que o Victor Hugo, o de pacotilha, é o maior flagelo e a mais hedionda figura que tem passado pelo ultramar português.

O sr. António Maria da Silva, porém, ainda architecta habilidades. O senador por Moçambique (Vieira da Rocha) de posse dum mandato que lhe assegurava um lugar por 3 anos, no velho casarão de São Bento, tem-se farto de rir dos ingenuos que lhe deram o voto e dos que lhe defenderam e fizeram triunfar a sua candidatura.

Pouco lhes importou que, durante meses seguidos de prepotências e de crimes, se agravasse a situação económica e financeira do mais valioso domínio de Portugal.

Que o «Nero», envergonhando um povo sob todos os pontos de vista, se alimentasse das lágrimas e do sangue das suas vítimas. Os interesses partidários duma politica criminosa sobrepuzaram-se aos interesses nacionais e colectivos. As notas officiais dizem, de facto, que Victor Hugo, amavelmente convidado a regressar à metrópole, dentro de poucos dias virá por ali acima, coberto ainda com a pele rota de Alto Comissário.

E' uma comédia que não dignifica ninguém.

O que todos querem é a sua demissão. Moçambique em péso, centenas de milhares de operários de todo o mundo, todos os homens que neste maldado país se interessam pelo progresso, assim o exigem.

Logo, para quê a comédia da chamada? Para que Victor Hugo, durante a viagem e por alguns dias após a sua chegada a Lisboa, continue a arredondar a conta?

Cautela também com o encarregado do governo no interregno até à escolha do novo Alto Comissário.

Bartolomeu Severino, a fera com figura humana que foi a alma tigrina de Azevedo Coutinho, de modo nenhum pode recolher-lhe a herança, sem que os mais justos e aliteros protestos se ergam.

## Caixa de Peneiras do Arsenal da Marinha

Instituída pelo decreto n.º 3736 de 29 de Dezembro de 1917

Sede: — Arsenal da Marinha — Lisboa

Convoco os associados a reunir em Assembleia Geral ordinária no dia 21 do corrente, pelas 17 horas, na Escola Profissional com a seguinte

### ORDEN DE TRABALHOS

Discutir e votar o Relatório e Contas da gerência da Direcção de 1925 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

Não funcionando, por falta de número, fica desde já convocada para o dia 29, à mesma hora e local e com a mesma Ordem de Trabalhos.

O Presidente da Mesa,

Ricardo António Bastos

## COMO OBTER UMA CASA PROPRIA?

Escreva à Companhia de Seguros LEX, rua de S. Paulo, 78, 2.º, Lisboa, que lhe dará os precisos informes na volta do correio.

### CONFERENCIAS

### “O movimento politico na moderna India”

O sr. Cordato de Noronha realiza hoje, às 21 horas, na Universidade Livre, Praça Luis de Camões, 46, 2.º, uma conferência sob o tema «O movimento politico na moderna India», com o seguinte sumário: «Ideia geral da India, condições geográficas, clima, população, historia, administração inglesa em todos os tempos, condições intellectuais e moderno movimento swasajista».

### “Organização scientifica do trabalho”, pelo dr. João Camoesas

Na secção da Universidade Popular Portuguesa, instalada na sede do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, realizou ontem o sr. dr. João Camoesas a sua ultima conferência da serie «Organização scientifica do trabalho».

O illustre orador, que durante uma hora dissertou sobre a «organização humana do trabalho», principiou a sua exposição por referir que até aos fins do século XVIII a actividade industrial confinava-se nos officios e exercia-se por intermédio da corporação que funcionava como um privilegio e era, de facto, um monopólio familiar. A acclaração das comunicações, o triunfo da liberdade e os descobrimentos scientificos deram lugar à industria moderna, eliminando as corporações. A grande industria compõe-se de quatro factores: o trabalho, o capital, a direcção e a comunidade. Até meados do século XIX o factor capital dominou descriptivamente todos os outros. Impôs por isso tipos organicos adaptáveis à satisfação dos seus interesses, procurando o máximo lucro com o dispêndio mínimo. O Trabalho, o Capital e a Comunidade representada pelo Estado realizavam-se em igualdade a direcção suprema da industria moderna.

Referindo-se à função social da industria, o dr. João Camoesas diz que a industria não pode ser considerada, como pretendia Taylor, um simples maquinismo criador de lucros. E' em primeiro lugar um quadro de actividade das populações. E' em segundo lugar um instrumento de abastecimento dos povos.

Por estes dois aspectos apresenta-se com uma função social—função de acção e abastecimento de uma sociedade. Tem, por consequência, deveres para com a sociedade, cuja supressão, como diz Tawney e muito bem, equivale a um privilegio. Por isso independentemente da sua organização pró-

pria precisa de ser sujeita a um certo numero de preceitos fundamentais que a harmonizem com as outras funções sociais e a conformem com o orgão desse grande organismo geral que é a sociedade.

O orador, que fala agora sobre o «método industrial», entende que seja qual for o seu processo de formação a industria é sempre uma associação. Por consequência os seus componentes têm deveres e direitos em relação uns aos outros, cuja supressão, ainda segundo o pensamento do mesmo autor, equivale a uma opressão.

A organização fisiologica, substituindo o sábio ao empregado patronal, a razão scientifica ao arbitrio dos dirigentes, melhora um pouco a situação, mas continua, porém, a illudir o aspecto social da questão porque também não reduz a contradição observada. Esta só pode modificar-se se a Associação, processo fundamental da industria, for realizada em termos igualitários.

Chama-se «características da organização humana do trabalho», prossegue brilhantemente o orador, aquela organização que se adapta às características da vida humana e não constrengue nenhuma das suas tendências naturais. Trata-se de um organismo, estabelecido segundo principios e normas scientificas, tendo o carácter de um orgão de vida social e realizando-se como uma associação de factores colectivos, agindo em termos igualitários. Pode-se esquematizar a função dos vários elementos da seguinte forma: o trabalho produz e colabora; o capital dirige e participa; o Estado regula e fiscaliza. Ao trabalho pertencerá, pois, a execução das operações e a colaboração em todos os actos que os afectem, desde a administração até a fixação dos processos.

Referindo-se depois aos «processos da organização humana do trabalho», o conferente diz que o Estado pela orientação profissional e pela cultura geral técnica procurará cada um para exercer a actividade mais adequada à sua natureza e da forma mais consistente e mais racional.

O dr. João Camoesas concluiu a sua interessante conferência defendendo os seguintes principios:

—O autocratismo de um dos factores industriais é perturbador e malefico. Nem o tailorismo, nem a organização fisiologica do trabalho resolvem o problema das relações industriais por não darem o lugar conveniente à personalidade dos trabalhadores. A organização humana do trabalho atende a todas as aptidões e tendências humanas, respeitando a personalidade e desenvolvendo a capacidade social e administrativa dos trabalhadores.

O orador no final foi muito aplaudido.

## Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne amanhã, pelas 21 horas, o conselho confederal para se pronunciar sobre o 1.º de Maio.

### COMUNICAÇÕES

**Federação Marítima.**—O Conselho Federal, depois de se ocupar do conflito marítimo de que damos noticia noutro lugar, resolveu comunicar a todos os seus federados que as consultas jurídicas se iniciam no próximo sábado, pelas 21 horas, na sede do Sindicato dos Descarregadores de Mar e Terra de Lisboa, Calçada Castelo Branco Saraiva, 4, 1.º, pelo advogado desta Federação, sr. dr. Orlando Marçal. As consultas ordinárias terão lugar todas as semanas no mesmo dia e hora, pelo que todos os que delas necessitem deverão ir munidos da respectiva caderneta federal, para assim atestarem a sua qualidade de federados.

**S. U. Mobilário.**—Solicita-se de todos os camaradas que têm em seu poder listas de subscrição pró-pessoas a fim de fazerem as respectivas liquidações a fim da comissão dar contas da sua missão.

**Pessoal do Município.**—Comissão de Melhoramentos.—Reuniu juntamente com militantes e corpos gerentes. Apreciação uma proposta da minoria socialista aprovada no Senado Municipal, que obriga a Câmara a pagar aos operários o aumento aprovado em 1925.

Deliberou que a Comissão de Melhoramentos procure hoje os vereadores socialistas a fim de com os mesmos se entender sobre a proposta aprovada. Amanhã à noite vai a Comissão de Melhoramentos à Câmara para fazer a entrega a todos os vereadores de uma exposição sobre as reclamações pendentes.

A comissão apela para a classe a fim de que assista às reuniões do Senado, como o melhor meio de ter conhecimento do andamento das reclamações.

**Comissão Administrativa.**—Reuniu terça feira com os militantes da classe.

Tratou da redacção e confecção dos novos estatutos do sindicato, deliberando realizar uma assembleia que nomeará uma comissão para esse fim.

Deliberou promover a passagem de 20 bilhetes para a mãe do antigo operário municipal Ezequiel Seigo, assassinado pela policia nos Olivais.

Roga-se a todos os camaradas que ficaram com bilhetes para a festa do Socorro Vermelho, para fazerem a sua liquidação.

**Federação Metalúrgica.**—Reuniu a comissão administrativa, empossando o tesoureiro e vogal nomeados na ultima reunião do Conselho Federal, respectivamente camaradas João de Oliveira e Manuel Praxedes.

Em ordem de trabalhos, resolveu officiar ao S. U. Metalúrgico de Aljustrel e à Federação Metalúrgica Argentina, a esta sobre pontos de organização corporativa.

Resolveu mais officiar a todos os sindicatos aderentes em conformidade com as resoluções anteriores, que se prendem também com a realização do Congresso Metalúrgico.

### CONVOCAÇÕES

**REUNEM-SE HOJE:**

**Federação da Construção Civil.**—Para se ocupar de diversos assuntos, pelas 20 horas, o conselho federal.

**S. U. C. Civil.**—Secção de Palma e Arredores.—Em assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de cargos vagos e dos fiscais do horário de trabalho.

**Sindicato do Pessoal de Cámaras.**—Dispensários.—Pelas 18 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de cargos vagos e dos fiscais do horário de trabalho.

**Operários Maquinistas Fluviais.**—Para tratar de um assunto grave e de muito interesse para esta associação, pelas 21 horas, a assembleia geral extraordinária.

**S. U. Mobilário.**—A comissão de melhoramentos, pelas 21 horas. A mesma hora devem comparecer os cobradores de officina acompanhados das respectivas cobranças.

**Interpretes de Terra e Mar.**—Pelas 20,30 horas em assembleia geral esta classe na Rua Castelo Branco, 4, 1.º, para tratar de assuntos de grande importância, entre estes apreciar a exposição que vai ser dirigida ao sr. ministro da Marinha, no sentido de esclarecer a sua ex.ª das aspirações dos interpretes portugueses que têm visto os seus interesses morais e materiais menosprezados.

Em virtude da importância desta assembleia pede-se a comparencia de todos os associados.

**Manipuladores de Pão.**—Em assembleia magna, às 20 horas, os caixeiros de Lisboa e arredores para se ocuparem de um assunto de alta importância.

### SINDICATOS DA PROVINCIA

**Associação de Classe dos Calceiteiros e Serventes do Porto.**—Reuniu a assembleia geral, aprovando o relatório de contas do 1.º trimestre. Tomou conhecimento de um officio da Associação